

EDITORIAL

Radiologia, um problema de expressão



Paulo Donato

Em 1895, quando pela primeira vez se visualizou o interior do corpo humano sem necessidade de cortar a pele e dissecar tecidos, Roentgen deu um grande passo para o desenvolvimento de um novo ramo da ciência.

O físico, através de “*uma nova espécie de raios*” (nome do seu trabalho), conseguiu ver pela primeira vez os ossos da mão esquerda intacta da sua mulher. Nessa altura deve ter tido noção da maravilha da descoberta e consciência de parte das implicações que tal conhecimento iria ter. Consciência das novas possibilidades então abertas! Contudo, certamente longe de imaginar tudo o que, volvidos 125 anos, conseguimos saber do interior do corpo humano através *da então nova espécie de raios e não só*.

A evolução tecnológica associada à radiação-X, mas também aos ultrassons, aos campos magnéticos, aos contrastes, aos biomarcadores, à inteligência artificial possibilita ver e antever, descobrir e concluir inúmeros mistérios do interior sem necessidade de um único bisturi!

Logo após a descoberta de Roentgen, vários cientistas, médicos e físicos, interessaram-se pelo conhecimento da radiação-X e pelo desenvolvimento das suas aplicações. A “**Roentgenologia**” estava criada! Contudo, esta designação de difícil pronúncia não perdurou no tempo, tendo sido adoptada com claras vantagens de dicção a “**Radiologia**”. No desenvolvimento das aplicações clínicas da radiação-X contribuíram médicos e físicos das mais diversas proveniências. A título de exemplo temos o trabalho notável com a criação das primeiras unidades móveis de equipamentos de radiologia feito durante a primeira guerra pela física polaca, naturalizada francesa, duas vezes galardoada com o Nobel, Marie Curie. Ou, o reconhecido contributo do neurologista português, Egas Moniz, Nobel da Medicina de 1949, pelo trabalho inovador em 1927 quando realizou as primeiras angiografias cerebrais.

A precursora da nossa Sociedade de radiologia (SPRMN) foi criada em 1931. Então designada como Sociedade Portuguesa de Radiologia Médica tinha por objectivo fomentar o estudo da Radiologia (Raios X, Rádio e Radiações afins) tanto nos seus aspectos puramente científicos, como nas suas aplicações práticas à Medicina.

Durante as décadas seguintes as aplicações clínicas da Radiologia foram-se desenvolvendo, surgindo várias, persistindo algumas... Várias excessivamente invasivas para o proveito clínico, numa altura em que o conhecimento dos efeitos biológicos da radiação era muito limitado.

Os anos 70 são a “*década de ouro*” da Radiologia! O desenvolvimento e a aplicação clínica maciça de técnicas que usam radiação-X, como a tomografia computadorizada ou a mamografia, mas também de outras que usam meios físicos diferentes da radiação, como a ecografia ou a ressonância magnética criaram “**um problema de expressão**”!

Ora, os médicos que se interessavam por ver o interior do corpo humano, “os Radiologistas”, até então só utilizavam tecnologia baseada na “radiação-X” logo o termo até então era concordante entre o médico e o meio físico. Mas quando se passou a ter uma série de formas para obter uma

imagem, muitas delas sem usar radiação-X, criou-se um “problema” entre o médico e o meio físico (julgo que o inverso não se aplica)!

O termo “**Radiologista**” para classificar o médico especialista na “visão do interior do corpo sem bisturi” foi, por muitos, considerado redutor. A actividade do radiologista não se limitava aos exames que usavam a radiação como meio para obter imagem, pois muitos passaram também a ser “*ecografistas*”, “*ressonancio-magnéticos*”. Tal como as clínicas de Radiologia não eram apenas de Radiologia, uma vez que dispunham de equipamentos que não apenas produtores de radiação-X.

Para não excluir nenhuma técnica, termos mais amplos como **Imagiologista** ou **Clínicas de Imagiologia** foram amplamente adoptados embora sem total sucesso! Em caso de dúvida no endereço é ainda na Radiologia que nos encontramos!

É reconhecida a excepcional capacidade de simplificar dos anglo-saxónicos, em particular dos americanos! Para eles “Radiology” continuou a ser “Radiology mas com horizontes alargados”. Na Medical Encyclopedia da Medline Plus encontramos “**Radiology** is a branch of medicine that uses imaging technology to diagnose and treat disease. Doctors who specialize in radiology are called **radiologists**.”

Por outro lado, com alguma frequência encontramos relativos com o pleonasma “médico radiologista” a categorizar o indivíduo que o assina.

É estranha tal redundância! Temos maior dificuldade em encontrar uma endoscopia ou uma colonoscopia assinada pelo “médico gastroenterologista”. Habitualmente a dispensa do “prefixo” médico é dada nesta especialidade médica!

Como diz a canção “a língua inglesa fica sempre bem e nunca atraiçoa ninguém”.

Na distinção entre o radiologista e o técnico superior de diagnóstico e terapêutica de radiologia também os anglo-saxónicos resolveram simplificar designações de forma descomplexada e figurativamente feliz. O radiographer é facilmente identificado e distinguido do radiologist.

Enquanto não há neologismo ou estrangeirismo incorporado na nossa língua a distinção, sem desprimor para nenhuma das classes, não deve ser feita com a introdução nenhum “prefixo”.

O título de “**radiologista**” implica para além dos 6 anos necessários para o título de médico, mais 6 anos, 5 dos quais de formação especializada e 2 exames de aferição nacionais (um para entrar e outro no fim da especialização). Hoje em dia, o termo **Radiologia** tem um significado suficientemente abrangente para ser considerado um ramo da medicina que usa a tecnologia para diagnosticar e tratar a doença! Acrescento eu, qualquer que seja a radiação ou o meio físico usado nessa tecnologia que nos permita desvendar o interior humano sem necessidade de bisturi!

Paulo Donato